

A presença da criança no pensamento educacional de Nietzsche

RENATO NUNES BITTENCOURT*

Resumo

Neste artigo analisaremos as considerações críticas de Nietzsche sobre o sistema educacional alemão do período oitocentista, relacionando-a com a questão simbólica da Criança de *Assim falou Zaratustra* e a expressão de sua criatividade livre dos traços normativos da educação tradicional, incapaz de promover a afirmação da singularidade do indivíduo.

Palavras-chave: Nietzsche; Educação; Filosofia; Criança; Criatividade.

Abstract

In this article, we will analyze the critical considerations of Nietzsche on the German educational system of the oitocentist period, relating it with the symbolic question of the Child of *Thus spoke Zarathustra* and the expression of its free creativity of the normative traces of the education traditional, incapable to promote the affirmation of the singularity of the individual.

Key words: Nietzsche; Education; Philosophy; Children; Creativity.

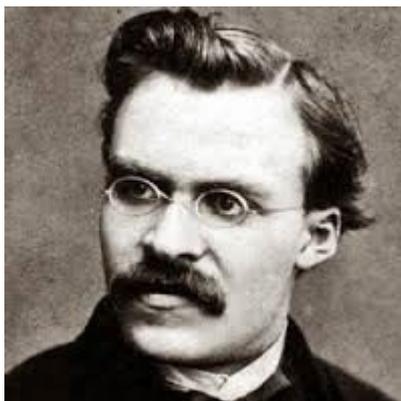


* **RENATO NUNES BITTENCOURT** é Doutor em Filosofia pelo PPGF-UFRJ. Professor do Curso de Especialização em Pesquisa de Mercado e Opinião Pública da UERJ.

Introdução

No decorrer deste texto versaremos sobre a concepção desenvolvida por Friedrich Nietzsche acerca do ensino de Filosofia como instrumento de formação cultural do indivíduo a partir da transição da idade infantil para a adolescência. Sua proposta de aprendizado, que não se pautava na legitimação da erudição, no “conhecer por conhecer” sem compromisso com as particularidades imanentes da vida pessoal, mas sim no uso do conhecimento para o desenvolvimento da criatividade e do senso crítico, se instaura como uma contestação da própria cultura moderna, sustentada pelo ideário tecnicista e sua insana objetividade desvitalizada.

Conforme a proposta pedagógica nietzschiana, o estudo deve ser utilizado pelo jovem como uma ferramenta para a sua criação intelectual, jamais para a legitimação dos valores de uma cultura em processo de decadência; propõe-se assim um aprendizado que preconiza a inovação, jamais a submissão a um padrão educacional normativo de caráter estéril. Consequentemente, Nietzsche, em suas análises sobre a educação moderna, elege a figura simbólica da criança como a possibilidade primordial de expressão da criatividade existencial, pois a criança, com o seu olhar “extra-moral” sobre o mundo circundante, em um primeiro momento, está livre dos pré-conceitos enraizados na vida social, podendo assim se manter na originalidade criadora. Desse modo, pretendo demonstrar que as críticas realizadas por Nietzsche ao modelo educacional de sua conturbada época, os finais do Oitocentismo europeu, ressoam nitidamente em nossos tempos



contemporâneos; com efeito, nosso sistema educacional se encontra pautado pelo processo de difusão anárquica de informações, o que evidencia, por conseguinte, o caráter extemporâneo das suas grandes críticas ao sistema de ensino oitocentista e seu

famigerado eruditismo.

O Professor Friedrich Nietzsche

Talvez um dos momentos mais marcantes da carreira de educador de Nietzsche tenha ocorrido quando o filósofo apresentou o ciclo de conferências *Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino* na *Akademisches Kunstmuseum* da Basileia, tendo por público a comunidade docente da universidade dessa cidade e os jovens estudantes desta instituição de ensino; nesse evento acadêmico Nietzsche divulgava as suas propostas acerca da filosofia da educação, da prática pedagógica e da metodologia de ensino a ser aplicada de modo mais adequado em uma instituição comprometida com a afirmação da potência transformadora do conhecimento entre os jovens, o futuro coletivo da cultura.

Nessa exposição pública, Nietzsche desenvolve uma ideia polêmica para a concepção pedagógica conservadora de sua época, ao considerar que a instituição de ensino não deve preconizar a formação intelectual do estudante em prol de sua metamorfose na figura do erudito, o intelectual de gabinete que vê a vida pelas janelas de sua vasta biblioteca empoeirada; pelo contrário, é necessário que se realizem esforços pedagógicos para o desenvolvimento do pensamento crítico, criativo, singular. Dessa maneira, Nietzsche se contrapõe tanto ao tradicional modelo pedagógico

caracterizado acima de tudo pela transmissão irrefletida e repetitiva de conteúdos, que deveriam ser apreendidos passivamente pelo estudante, como também ao projeto absurdo de se tentar produzir em série gênios criadores, de acordo com os ideais propostos pelas estruturas pedagógicas vinculadas ao sistema burocrático do Estado moderno em seu vertiginoso processo de industrialização. A tipologia intelectual do “homem erudito” consiste em ser um especialista das minúcias textuais e do acúmulo desordenado de informações, de modo que, quando tal figura exerce funções pedagógicas, apenas se preocupa com a conformidade e a submissão dos estudantes ao sistema educacional vigente, expressão do conservadorismo da própria sociedade moderna.

Cabe ressaltar que tanto o método obtuso de ensino pautado na decodificação exaustiva de conteúdos como o projeto eruditista do sistema educacional próprio do Oitocentismo europeu demonstrariam uma profunda semelhança epistemológica e valorativa, pois o modo pelo qual ambos se caracterizam no processo de transmissão do conhecimento equivaleria ao depósito de um lastro intelectual na estrutura mnemônica do jovem, mas que, contraditoriamente, impediria o desenvolvimento pleno da sua criatividade. Nesse contexto, bom estudante é aquele que consegue reter as informações em sua mente e apresentar frases de efeito perante os seus interlocutores. Por conseguinte, esse fato permite a elaboração de uma constatação importantíssima: o acúmulo de conhecimentos nas faculdades do entendimento de um indivíduo de modo algum é a plena garantia da existência da singularidade, da criação de novos saberes e de novos valores. Afinal, muitas vezes, essa solene erudição,

legitimada pelo poder coercitivo do argumento de autoridade dos mestres arcaizantes, impede o desenvolvimento da liberdade do pesquisador, do jovem estudante, corroendo assim a proposta de se pensar de acordo com o fluxo que brota da própria individualidade, matando assim a autêntica autonomia pessoal.

A era moderna, apesar de ser herdeira do projeto iluminista, ateu-se culturalmente ao projeto filosófico do “homem teórico”, caracterizado por Nietzsche como a disposição humana que pretende dominar a intensidade da existência através da rede inextricável do intelecto, seccionando assim o âmbito da vida e do conhecimento (NIETZSCHE, 1996, p. 92-93). O conhecimento deve servir à vida, e não a vida ao conhecimento, esse é o postulado básico da educação regida pela axiologia da imanência. Contudo, o sistema eruditista preconiza a adaptação da visão de mundo do sujeito aos parâmetros educacionais legitimados pela estrutura social vigente e sua monolítica formação educacional. Tal como destacado por Nietzsche,

Os ginásios podem portanto ser ainda hoje viveiros de erudição, mas não desta erudição que é somente, por assim dizer, o efeito secundário natural e não premeditado de uma cultura dirigida aos objetivos mais nobres, mas antes daquela que seria preciso comparar com a inchação hipertrofiada de um corpo malsão. Os ginásios são exatamente os viveiros para onde é transplantada esta obesidade acadêmica, quando não degeneram a ponto de se transformarem em escolas de gladiadores desta elegante barbárie, que agora se pavoneia com o nome de “cultura alemã atual” (NIETZSCHE, 2003b, p. 96)

Nessas condições, tal como apontado por Nietzsche, um dos mais graves problemas motivados pela ilusão dos benefícios desse “eruditismo estéril” reside na crença de que esse conjunto de conhecimentos, transmitidos ao jovem estudante, possibilitaria que este viesse a se tornar, posteriormente, um “homem de gênio”. Nada mais obtuso, pois de modo algum a apreensão de conhecimento pode prejudicar a interação do homem com o mundo, a sua relação imediata com a força vital presente no seio da natureza. A possibilidade da formação do “homem de gênio” não ocorre através da aplicação de uma fórmula universal de transmissão de saberes pedagógicos ao aluno, tampouco pela eleição divina que outorga suas benesses maravilhosas a alguns raros eleitos, mas da capacidade do professor compreender as peculiaridades existenciais de cada jovem estudante, havendo assim o respeito em relação ao seu processo pessoal de assimilação de conteúdos, em suma, valorizando-se o próprio modo de ser de cada estudante, a própria natureza pessoal impondo-se um sistema normativo educacional é, na verdade, um atentado contra a criatividade singular do estudante. Rosa Maria Dias, ao comentar a perspectiva pedagógica desenvolvida pelo filósofo, afirma que

Nietzsche, como educador, não tinha interesse em se tornar um vasculhador de textos antigos, fechado em seu gabinete, nem em criar um círculo de alunos atentos, que seguissem indiferentes à vida que os rodeava. Pretendia, isso sim, incentivá-los a um olhar singular sobre determinada ciência, conduzindo-os de modo a poderem criar uma humanidade rica e transbordante de vida (DIAS, 2003, p. 26).

Com efeito, Nietzsche preconizava o desenvolvimento de um modelo de

educação que formasse efetivamente o estudante, concedendo-lhe uma cultura que estaria presente em todos os momentos de sua vida, que não fosse apenas imbuída de caráter profissionalizante ou apenas para a realização de fins imediatos, como a aprovação nos exames regulares. Cabia assim o estabelecimento de uma cultura autêntica, associada intimamente aos elementos criativos da vida, e não um mero rebuscamento erudito pautado na atividade intelectual hipertrofiada que, por vias tortas, conseguiria talvez satisfizer os interesses pragmáticos mais imediatos das demandas técnicas da sociedade. Conforme pondera Nietzsche,

Será então que a vida deve dominar o conhecimento, a ciência, ou será que o conhecimento deve dominar a vida? Qual destes dois poderes é o mais elevado e decisivo? Ninguém duvidará: a vida é a mais elevada, o poder dominante, pois um conhecer que aniquila a vida aniquilaria ao mesmo tempo a si mesmo. O conhecer pressupõe a vida: ele tem, portanto, o mesmo interesse na conservação da vida que todo e qualquer ser tem na continuação de sua própria existência (NIETZSCHE, 2003a, p. 96).

A situação mais peculiar da exacerbação do regime de ensino eruditista residia no entrelace entre a proposta de preencher ao máximo a mente do estudante com informações heteróclitas, e o processo de decadência intelectual que Nietzsche denomina de “cultura jornalística”, a qual fazia diversas objeções. “O jornalista, o senhor do momento, toma o lugar do grande gênio, do guia estabelecido para sempre” (NIETZSCHE, 2003b, p. 65). Por conseguinte, a grande falha do processo jornalístico consiste em seu irrestrito caráter informativo, por mais que haja um esforço técnico no aprimoramento em seus mecanismos de difusão de

conteúdos para a opinião pública. Inclusive, Nietzsche considera que o Ginásio, o ponto médio da vida de um jovem estudante, forma o indivíduo não para o aprimoramento da cultura, mas unicamente para o processo erudito de assimilação de conteúdos, descambando posteriormente na “cultura jornalística”, ou seja, a degradação máxima do processo iniciado pela dissociação entre pensamento e vida (NIETZSCHE, 2003b, p.70). Desse modo, o “homem teórico”, ao invés de se esforçar para submeter o conhecimento ao nobre serviço da afirmação da vida criativa, coloca o mesmo como uma espécie de motor para a produção desmedida de mais saberes vazios, mais informações, independentemente dos resultados que tal atitude possa resultar no decorrer de sua existência para a manutenção das suas próprias forças vitais.

Nietzsche considera que este vislumbre de “conhecer por conhecer” é um grande absurdo eruditista, uma desconsideração com o valor autêntico da vida; mais ainda, a legitimação desse modo de proceder nas instituições de ensino através da exaltação da figura do erudito gera um efeito deletério sobre os jovens que necessitam de um modelo de conhecimento a ser seguido como norte para a sua existência estudantil. Afinal, não é a mera divulgação do saber oficial que favorece o desenvolvimento dos homens extraordinários, mas sim o estímulo pelo aflorar da criatividade singular primando-se pela autenticidade do estudante, inalienável. O “homem de gênio” não é forjado ou desenvolvido através de estudos desprovidos de relação axiológica com a sua própria vida. Ora, a forma mais potente para se subjugar a criatividade de um indivíduo dotado de grandes capacidades intelectuais consiste em impor sobre ele um sistema educacional de cunho massificador e puramente informativo.

Nesse processo bastaria ao educador transmitir durante um período determinado de tempo um conjunto de informações para o jovem para que este viesse a se tornar aquilo que ansiosamente o Estado e a sociedade esperam, ou seja, um cidadão cumpridor dos seus deveres profissionais. Esse sistema espúrio, em verdade, forma somente pessoas comuns, preparadas para exercer funções e realizar habilidades específicas tendenciosamente burocráticas, quiçá pré-determinadas pela estrutura econômica da sociedade e seus aparatos normativos.

De acordo com o pensamento de Nietzsche, podemos afirmar que, para que ocorra o desenvolvimento do “homem de gênio”, não basta ao sistema educacional seguir uma cartilha, um padrão pedagógico único, pelo motivo de que justamente esse parâmetro, comum para todos, não possibilita a expressão saudável da singularidade criativa do indivíduo. Tudo aquilo que é comum é intrinsecamente vulgar e aniquila as qualidades unívocas de uma pessoa. Cada “homem de gênio” desenvolver-se-ia de acordo com suas próprias peculiaridades existenciais, jamais através de sua adequação ao esquema lógico de uma metodologia de ensino que, considerado na prática, tende a nivelar por baixo todos os estudantes de uma instituição educacional.

Este tipo de produção intelectual, não muito distante da proposta corruptora do eruditismo, se pautava em especial pelo grande anseio de se acumular informações diversas, na supersaturação de conhecimentos, os quais, no entanto, analisados criticamente, demonstrar-se-iam absolutamente superficiais, repletos de lugares comuns e desenvolvidos de tal modo que pudessem ser facilmente digeridos por seus “consumidores”, sem

que, no entanto, houvesse a saudável proposta de se exercitar a reflexão e o senso crítico dos leitores. Essa produção degenerada, portanto, não propunha o desenvolvimento efetivo do hábito de pensamento, pautando-se tão somente na enunciação daquilo que Nietzsche denominava como os inconsistentes “pontos de vista” que poderiam ser assimilados passivamente pelo leitor (NIETZSCHE, 2003b, p. 54).

Essa formação de saber deve ser considerada extremamente prejudicial, uma vez que afina as suas bases na inconsistência e no gosto sensacionalista de manipular os afetos do público. A cultura jornalística, baseada no ritmo de constante produção de notícias, de informações curtas e sem profundidade intelectual, se pauta essencialmente no presente imediato, sem possuir um caráter atemporal, que se desenvolve e se perpetua ao longo das interações da vida social. Desse modo, os seus conteúdos ficam estritamente limitados ao “aqui e agora”, pois se tratam de informações que representam o cotidiano através do discurso oficial, que privilegiam a divulgação de fatos e eventos cuja propagação interessa aos poderes instituídos.

O leitor, na crença de que ao apreender essas informações adquire um conhecimento adequado, sólido, considera de modo um tanto ingênuo que esse palavrorio representa a realidade tal como ela é, desconhecendo assim os bastidores da produção do saber, da oficialização das informações que interessam para os divulgadores de notícias, informações essas que são economicamente rentáveis e vendáveis para, em detrimento de outras, muitas vezes mais relevantes sob a perspectiva crítica da cultura, mas que, no entanto, não satisfazem ao gosto vulgar da massa. Por isso, é muito raro encontrarmos

amplo espaço para a divulgação da cultura e do saber genuíno nos jornais, pois a necessidade de se divulgar o máximo de informações possíveis, sem, no entanto, se pretender perder o estatuto de periódico bem conceituado, pretensamente divulgador da “cultura”, faz com que esta se manifeste apenas em lampejos, em algumas poucas páginas inseridas numa vastidão de inutilidades e futilidades cotidianas que atacam o gosto massificado pelas novidades sensacionais, sintoma cabal de degenerescência cultural. Nietzsche, continuando as suas diatribes contra a decadência cultural moderna, afirma que

Uma época que sofre daquilo a que se chama cultura geral, mas que não tem cultura nenhuma, nem na sua vida tem unidade de estilo, nunca saberá o que fazer com a Filosofia, mesmo que ela seja proclamada nas estradas e nos mercados pelo gênio da verdade em pessoa (NIETZSCHE, 2002, p. 25)

Não obstante a proclamação da grande corporação jornalística que embota a consciência da sociedade letrada, quem lê jornal não sabe mais, apenas é alguém “bem informado”. Desse modo, Nietzsche considera despropositado o anseio de se legitimar a ideia de que o periódico possibilita a formação adequada do conhecimento. Em verdade, esse aparato apenas divulga informações elaboradas ou relatadas por outras pessoas, fato este que, para o indivíduo leitor, não pode ser um considerado como um nível de conhecimento adequado. Esse fenômeno se torna uma espécie de divulgação pública de miscelânea de opiniões alheias, situação esta que, se porventura se mantivesse delimitada na proposta de apenas informar, sem a pretensão de instruir, necessariamente não seria algo que deveria ser imputado como maléfico para a formação intelectual do sujeito. O

grande problema intelectual surge, portanto, da existência da falsa concepção de que o conteúdo jornalístico favorece a reflexão intelectual, o encadeamento de pensamentos em torno de questões importantes na vida humana em suas diversas interfaces. Podemos assim justificar as críticas de Nietzsche ao citado modelo de transmissão de informações, pois a cultura genuína não pode de modo algum ser confundida com a exacerbação do eruditismo, que valoriza em verdade a comodidade de uma disciplina especializada, tampouco com o jornalismo moderno, que cala a voz da genialidade em favor da banalidade da experiência comunicativa.

Uma sociedade dominada pela disposição da erudição inócua e pelo jornalismo vazio de conteúdo crítico desfavorece a formação de homens criativos, pois são instrumentos decadentes que conspiram contra a afirmação da genialidade e da ação valorativa. Contudo, esses homens de vanguarda se manifestam poderosamente mesmo nas condições mais adversas, o que os engrandece ainda mais, pois justamente o fator que demonstra a beleza do homem é a sua capacidade de superar os obstáculos impostos pela sociedade tradicionalista e os seus próprios limites pessoais. Nietzsche, com suas propostas pedagógicas extemporâneas, polemiza com esse sistema educacional que aniquila a exceção, considerada desvio, contágio maléfico com o rebanho de seguidores, em prol da regra, do comum anônimo e fugaz.

A criança e a criatividade em Nietzsche

Nietzsche associa o homem de criação, aquele que alia jubilosamente o conhecimento com a vida, com a imagem da criança, que teria a capacidade de agir no cotidiano sem se

deixar afetar de modo asfíxiante pelo peso da tradição cultural vigente. Desse modo, a figura simbólica da criança é de suma importância para a compreensão não apenas das questões acerca dos problemas pedagógicos que afligem Nietzsche como educador, mas também do próprio conjunto de sua filosofia crítica dos valores tradicionais da civilização ocidental. Afinal, Nietzsche relaciona a imagem da criança com a atividade do esquecimento, em prol da constante renovação das forças vitais, posto que o fardo da memória hipertrofiada, nas suas considerações, impediria a libertação da mente de todos os conteúdos prejudiciais para o seu desenvolvimento adequado, como o próprio conhecimento intelectual inútil e as experiências afetivas ruins. Desse modo, Nietzsche sustenta a ideia de que a possibilidade de criação aflora através do esquecimento que liberta a mente do peso opressor do passado.

Em *Assim falou Zaratustra*, Nietzsche expõe o discurso acerca “Das Três Metamorfoses”, alegoria na qual o filósofo se utiliza das figuras do camelo, do leão e da criança, para descrever as três etapas da formação pessoal que sofre o homem criador de novos valores. Inclusive, é importante ressaltar que esse discurso pode receber diversas interpretações por parte dos pesquisadores, seja de cunho ético, estético, dentre outras possibilidades de avaliação. Utilizarei a imagem das três metamorfoses apresentadas por Nietzsche no viés da educação, o que, conforme se demonstrará, não exclui as outras perspectivas interpretativas, uma vez que, na filosofia de Nietzsche, todos os campos do conhecimento e da vida estão associados intimamente; o pensamento trágico concilia todas as contradições.

No primeiro passo, o filósofo versa simbolicamente acerca da transformação sofrida pelo espírito humano que se assemelharia ao camelo (o animal de grande resistência orgânica que persevera bravamente na penúria desértica), no tipo de homem que transporta consigo o fardo de toda uma vetusta tradição cultural, sem que, no entanto, tenha a capacidade de criar um novo pensamento, apesar da guarda dessa herança cultural que porta em si. O camelo se assemelha existencialmente ao “homem erudito” enunciado por Nietzsche nas suas críticas ao sistema pedagógico moderno; o erudito é a figura constituída intelectualmente por uma vastidão de conhecimentos heteróclitos que, por isso, não desenvolveu a capacidade de se aprimorar existencialmente por meio desse estofo intelectual: “O que é pesado? Assim pergunta o espírito resistente, e se ajoelha, como um camelo, e quer ser bem carregado” (NIETZSCHE, 2011, p. 27). O conhecimento encerrado nas malhas do eruditismo, portanto, é um grande “lastro cognitivo” que impede a flexibilidade criativa do indivíduo, assim como o desenvolvimento de seu pensamento autônomo, pois que, no decorrer de sua experiência intelectual, tal homem se acostuma sempre a estudar e interpretar as obras alheias, sem que, contudo, venha a reservar para si próprio tempo e espaço para a criação de pensamentos autênticos. Por conseguinte, é extremamente necessário que o “homem-camelo” desenvolva o senso crítico, ou seja, a capacidade de questionar profundamente os conhecimentos e os valores vigentes.

O próximo passo desse processo de transformação existencial consiste na metamorfose do camelo no leão, o animal vigoroso e altivo que nada teme, pois não se submete aos símbolos da autoridade estabelecida. Podemos

interpretar essa metáfora como a atitude do homem que é capaz de se insurgir contra o grande peso cultural da tradição instituída, solapando criticamente os valores e conceitos vigentes na sociedade: “*Não-farás* chama-se o grande dragão. Mas o espírito do leão diz *Eu Quero*” (NIETZSCHE, 2011, p. 28). Todos os discursos das massas, as ideias pré-concebidas, são analisados ferozmente por esse tipo de homem que contesta o conjunto de valores da sociedade. No entanto, o “homem-leão” empreende esse vigoroso empreendimento sem que, necessariamente, consiga criar a novidade a partir de si mesmo, sem portar ainda na sua personalidade o sentimento de descoberta de uma miríade de visões acerca da realidade.

Poderíamos equiparar essa qualidade de homem com a proposta da “historiografia crítica” dissertada por Nietzsche na *Segunda Consideração Intempestiva*, gênero de investigação histórica pautado em especial pela crítica desmistificadora do passado, da história tradicional dos ancestrais formadores da sociedade e dos seus valores culturais constituintes, exigindo do intérprete sua corajosa libertação em relação ao peso da tradição (NIETZSCHE, 2003, p. 25). Esse empreendimento intelectual, quando exacerbado, faz com que o homem não apenas destrua os valores degradantes perpetuados pela tradição (procedimento que é benéfico para a vida), mas também os valores afirmativos da existência elaborados pelas grandes personalidades do passado, medidos, portanto, conforme os mesmos critérios de avaliação utilizados na análise tipológica das figuras do passado dignas de desprezo. Afinal, o “homem-leão” nutre aversão por todas as coisas que sejam da ordem do passado, não importando se essa herança cultural proporcione ou não o desenvolvimento

da sua criatividade. De toda maneira, a força reativa da tipologia do leão favorece a eliminação dos traços passivos do estudante que tudo assimila sem saber hierarquizar em seu intelecto os conhecimentos absorvidos. Nem tudo do passado é digno de ser lembrado; é melhor esquecer para melhor agir no porvir. Conforme argumenta Rosa Maria Dias,

Segundo Nietzsche, a educação que os jovens alemães recebem nas instituições de ensino funda-se numa concepção de cultura histórica que, ao privilegiar os acontecimentos e as personagens do passado, retira do presente sua efetividade e desenraíza o futuro. Uma história, um pensamento que não servem para engendrar vida e impor um novo sentido às coisas só podem ser úteis àqueles que querem manter a ordem estabelecida e o marasmo da vida cotidiana (DIAS, 2003, p.60).

Contudo, existe uma possibilidade de solução desse impasse epistemológico e ético. A superação dessas limitações ocorreria através da efetivação da metamorfose mais significativa, ou seja, quando o leão se transforma em criança, isto é, quando o querer se efetiva no poder de criar, pois, de acordo com Nietzsche,

Inocência é a criança, e esquecimento; um novo começar, um jogo, uma roda a girar por si própria, um primeiro movimento, um sagrado dizer-sim. Sim, para o jogo da criação, meus irmãos, é preciso um sagrado dizer-sim: o espírito quer agora sua vontade, o perdido para o mundo conquista seu mundo (NIETZSCHE, 2011, p. 28-29).

O homem capaz de ver simbolicamente o mundo com o olhar de criança se distancia largamente tanto do tipo de homem que vive de acordo com os valores perpetuados pela tradição social,

como pelo tipo de homem que reage ferozmente contra essa mesma situação. Por conseguinte, o homem dotado do espírito livre de criança não é de modo algum passivo ou reativo, mas sim, ativo, no mais pleno grau. Afinal, é justamente a sua capacidade de se desvencilhar do peso simbólico da tradição, dos valores e dos fantasmas do passado que garante a livre espontaneidade de sua ação. O esquecimento, nessas circunstâncias, é extremamente saudável para a vida, pois impede o declínio das forças orgânicas do homem acometido pela incapacidade de se libertar das recordações desagradáveis e das informações inócuas assimiladas na vida cotidiana. A estrutura psicofisiológica do ser humano se torna mais forte após o efeito purificador do esquecimento, tal como Nietzsche reconhece:

Esquecer não é uma simples *vis inertiae* [força inercial], como crêem os superficiais, mas uma força inibidora ativa, positiva no mais rigoroso sentido, graças a qual o que é por nós acolhido, não penetra mais em nossa consciência, no estado de digestão (ao qual poderíamos chamar assimilação psíquica), do que todo o multiforme processo da nossa nutrição corporal ou “assimilação física”. Fechar temporariamente as portas e janelas da consciência; permanecer imperturbado pelo barulho e a luta do nosso submundo dos órgãos serviais a cooperar e divergir; um pouco de sossego, um pouco de *tabula rasa* da consciência, para que novamente haja lugar para o novo, sobretudo para as funções e os funcionários mais nobres, para o reger, prever, predeterminar (pois nosso organismo é disposto hierarquicamente) – eis a utilidade do esquecimento, ativo, como disse, espécie de guardião da porta, de zelador da ordem psíquica, da paz,

da etiqueta: com o que se vê que não poderia haver felicidade, jovialidade, esperança, orgulho, presente, sem o esquecimento. O homem no qual esse aparelho inibidor é danificado e deixa de funcionar pode ser comparado (e não só comparado) a um dispéptico – de nada consegue dar conta... (NIETZSCHE, 2000, p. 47-48)

Podemos considerar que Nietzsche talvez tenha utilizado a imagem da criança como expressão do esquecimento criativo nessas explanações, devido ao modo peculiar pelo qual uma criança interage, no seu cotidiano, com o mundo externo. O peso opressor do ressentimento não assola a sua constituição psíquica de modo voraz, tal como ocorre com um indivíduo que, desconhecendo a sua própria natureza, é dominado passivamente por causas externas, tornando-se presa fácil das garras do ódio e do rancor. Outra justificativa para a eleição da figura da criança como símbolo da afirmação do entrelaçamento entre o conhecimento e a vida residiria na capacidade que ela demonstra em atribuir valores aos elementos constituintes do mundo. A experiência do primeiro contato da criança com o mundo circundante é a revelação de uma gama de possibilidades de interações e vivências insólitas. A novidade autêntica é a possibilidade da criatividade.

A infância é uma etapa da vida humana caracterizada pelo anseio de se descobrir a ordem de um mundo que progressivamente gera mais saberes, um mundo repleto de mistérios que aspiram ser desvelados pela investigação de uma qualidade de pensamento que ainda se encontra em estágio florescente de desenvolvimento. O símbolo da criança se constitui pelos princípios axiológicos da extra-moralidade. Nesse contexto da argumentação, não podemos deixar de

nos referir ao Fragmento 52 de Heráclito: “O Tempo é criança jogando, brincando. Reinado de criança”.

Com o seu olhar afirmativo que busca a compreensão intensiva da realidade, sem portar ainda uma formação intelectual preenchida pelos conceitos normativos da tradição cultural, a criança necessita assim realizar um diálogo com um gênero de saber que, de algum modo, permitir-lhe-á não encontrar todas as respostas para suas indagações, mas receber um estímulo que sustente seus pensamentos sobre as questões que concernem ao mundo circundante e que permita o desenvolvimento de suas capacidades cognitivas, com a formação do senso crítico e singularizado. Esse estímulo pode ser fornecido pela Filosofia, no seu contínuo anseio pela descoberta do sentido imanente da vida, no seu empreendimento de valorar sobre o que é bom ou ruim para o desenvolvimento da existência em sua contingente elaboração metabólica e cultural. Eis assim a instauração de um projeto educacional situado para além das dicotomias morais de Bem e de Mal.

Considerações finais

Acredito ter conseguido apresentar, de modo breve e resumido, alguns dos elementos mais importantes constituintes das ideias de Nietzsche acerca dos problemas da educação, e suas críticas ao modelo tradicional que se perpetuava nas instituições de ensino da Alemanha. A valorização do eruditismo na educação, no entanto, não é um fenômeno que se restringe apenas ao momento histórico vivido por Nietzsche em suas experiências pedagógicas. Podemos encontrar características dessa proposta, inclusive, no sistema educacional brasileiro (sobretudo no Ensino Médio), que se outorga a função

de inserir uma série de informações aos estudantes, conteúdos intelectuais das mais diversas disciplinas, sem que, no entanto, se conceda espaço para a reflexão sobre os fundamentos epistêmicos de tais saberes. Nessas condições, os conhecimentos são tão somente despejados pelo professor, cabendo ao estudante, por sua vez, assimilar essas informações o mais rápido possível, para que ele possa nas situações requisitadas pela estrutura pedagógica vir a demonstrar oficialmente e burocraticamente a obtenção do seu sofrido aprendizado nos exames e nos concursos.

Desse modo, podemos afirmar que esse é um grave erro cometido pela cultura da informação que se associa ao modelo pedagógico também desenvolvido no dispositivo eruditista, pois a urgência pela transmissão dos conteúdos pedagógicos não de preocupa de modo algum com o pouco espaço de tempo concedido ao estudante para que ele possa assimilar a grande enxurrada de informações transmitidas ao longo das aulas expositivas. A educação moderna é autoritária, pois não leva em consideração o particular, apenas o geral; todas as aptidões culturais dos estudantes devem ser massificadas, para que haja maior controle social sobre essa miríade de sujeitos em estado de formação.

A mente humana requer um tempo adequado para “digerir”, utilizando-se uma linguagem nietzschiana, os conteúdos de conhecimento, as informações. Caso contrário, certamente grande parcela desses conteúdos será esquecida após um uso imediato pelo estudante em vista da efetivação de fins práticos, fato este que, em verdade, não deixa de manifestar relevância psicológica, pois impede que a mente do

pesquisador se sature com informações e conteúdos intelectuais que primam apenas pela quantidade, e não pela qualidade. A educação para a criatividade é a associação adequada entre conhecimento e potência de agir, que não se caracteriza pela legitimação de um “saber-fazer” utilitário, mas de um “saber-viver” afirmativo, que favoreça realmente a criação e o desenvolvimento das capacidades transformadoras da vida do sujeito, cômico da presença dessa energia intensa na sua compleição fisiológica.

Referências

DIAS, Rosa Maria. **Nietzsche educador**. São Paulo: Scipione, 2003.

HERÁCLITO. “Fragmentos”. In: Vol. **Pré-Socráticos**, Col. “Os Pensadores”. Trad. de José Cavalcante de Souza. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. **A Filosofia na Idade Trágica dos Gregos**. Trad. de Maria Inês Vieira de Andrade. Lisboa: Ed. 70, 2002.

_____. **Genealogia da Moral: uma polêmica**. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. **O nascimento da Tragédia ou helenismo e pessimismo**. Trad. de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. **Segunda Consideração Intempestiva: Da utilidade e desvantagem da história para a vida**. Trad. de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003a.

_____. “Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino” / III Consideração Intempestiva: Schopenhauer educador, In: **Escritos sobre Educação**. Trad. de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Loyola/PUC-Rio, 2003b.